

BIBLIOTECA ESCOLAR, LEITURA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: uma relação que se consolida¹

Valéria Aparecida Bari*

Waldomiro Vergueiro**

RESUMO

Discute a importância das histórias em quadrinhos na formação do gosto pela leitura, assim como da proficiência na compreensão das mensagens transmitidas tanto pelo código escrito quanto pelo visual, ou seja, dos elementos constituintes de letramento, abrindo possibilidades de inserção dos produtos da linguagem gráfica seqüencial nas práticas biblioteconômicas e pedagógicas atuais. Para o estabelecimento de analogias essenciais, a metodologia contemplou o estudo comparativo do panorama cultural brasileiro e europeu. Os resultados apontaram, entre outras coisas, que as histórias em quadrinhos podem realmente ser relevantes na formação do leitor, possibilitando a familiarização, repetição, formação de hábitos e obtenção de prazer no ato de ler.

Palavras-chave: Bibliotecas escolares. Leitura. Letramento. Histórias em Quadrinhos.

1 INTRODUÇÃO

O problema gerador desta reflexão surgiu da relação entre a participação social e o ingresso na cultura letrada. A premissa que encaminha estas reflexões teóricas é a de que *existe uma ligação entre o pleno usufruto da produção material e cultural da sociedade e o desenvolvimento de habilidades, competências, hábitos e gostos no âmbito da leitura*. Esta relação não se manifesta apenas na ampliação dos horizontes cognitivos, das possibilidades de fruição e felicidade, mas também nas oportunidades concretas de empregabilidade, na prática política, no melhor dimensionamento das funções sociais, no desenvolvimento de aptidões economicamente produtivas e na melhoria da qualidade de vida.

¹ Trabalho derivado da tese de doutorado de Valéria Aparecida Bari, intitulada “O potencial das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores”, defendida em 2008, sob a orientação do Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP.

* Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe -- UFS, professora de graduação do Núcleo de Ciência da Informação do Centro de Ciências Aplicadas da Universidade Federal de Sergipe – NUCI/CCSA/UFS. Doutora em Ciência da Informação pela ECA/USP. Pesquisadora do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA/USP (OHQ/ECA) e do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP (NCE/ECA). E-mail: valbari@gmail.com.

** Professor Titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP. Professor de graduação e Pós-Graduação do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA (CBD/ECA/USP), Coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA/USP (OHQ/ECA). E-mail: wdcsverg@usp.br

A reflexão busca apontar, ainda, possibilidades que se abrem especificamente às bibliotecas escolares brasileiras em sua missão de alterar positivamente o contexto social de uma sociedade iletrada. A inserção de uma mídia ainda pouco familiar a esses ambientes – as histórias em quadrinhos – pode ser vista como uma alternativa para enfrentar o problema da democratização do letramento e dos bens da cultura letrada no contexto bibliotecário.

2 BIBLIOTECÁRIOS E LEITURA

Em 20 de maio de 1935, José Ortega y Gasset, em seu discurso de abertura ao II Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliografia, já se referiu à missão de *promover a leitura e buscar leitores* entre as atribuições do profissional bibliotecário (ORTEGA y GASSET, 2006, p. 22). Cinco décadas depois, P. Havard-Williams constatou que: “As Bibliotecas não assumiram uma visão abrangente de sua tarefa, a qual deveria incluir um papel de destaque na erradicação do analfabetismo e no estímulo à leitura” (HAVARD-WILLIAMS *apud* FONSECA, 2007, p. 95).

Assim, percebe-se que a problematização da participação social da Biblioteconomia, sob o ângulo da formação de leitores, configura-se na percepção de que

[...] o atual modo de produção econômico e de organização político-social do capitalismo implica processos educativos e formas de conhecimento que, por um lado, são, em sua origem, desigualmente distribuídos e, por outro lado, atuam como reprodutores da própria desigualdade (BRITTO, 2003, p.47)

No Brasil, essa problematização iniciou-se pelas pesquisas de Paulo Freire, consolidando-se nos anos 1970, em oposição às políticas educacionais e culturais do período de ditadura militar. O movimento intelectual ocorreu principalmente em consequência da reforma educacional comandada pelo então Ministro Jarbas Passarinho, que restringiu o uso de textos “marxistas” e provocou uma resposta ativa e socialmente visível (FERNANDEZ, 2003, p. 151). Muitos dos estudiosos dessa época são hoje referências para quem se dedica às áreas de investigação da leitura, escrita e formação do leitor (FERNANDEZ, 2003, p. 153).

Estudos ao longo das décadas de 1980 e 1990 levaram à criação de instituições, organizações e programas voltados para a questão da leitura, que têm contribuído para sua democratização em certo âmbito. Isso não evitou, contudo, o pouco convívio dos adultos brasileiros com a prática de leitura e escrita (SERRA, 2003, p. 65-85).

No ano de 2000, o Instituto Paulo Montenegro – IPM – e a ONG Ação Educativa moldaram e elaboraram uma pesquisa específica, em âmbito nacional, gerando indicadores para o conhecimento e atualização da problematização da leitura. No esforço de geração de

indicadores e na renovação de conceitos relativos à leitura no Brasil, estas duas organizações não governamentais uniram-se para produzir o *Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF 2001*.

O conceito fundamental lançado pela pesquisa do INAF, progressivamente adotado por pesquisadores envolvidos com a problematização da leitura no Brasil, é o de “letramento”. Sobre este, explica Britto:

A introdução do termo letramento no Brasil resulta, como se sabe, da versão do termo inglês literacy, o qual tradicionalmente era traduzido por alfabetização. A opção por dar à palavra inglesa uma nova tradução advém dos sentidos que ela adquiriu devido às novas compreensões do que significaria objetivamente ser alfabetizado na sociedade contemporânea (particularmente nos países do Primeiro Mundo, onde a universalização da educação básica já ocorrera há pelo menos meio século) e ao desenvolvimento de pesquisas sobre escrita, compreendendo-a como algo mais que a cópia infiel da fala ou a usurpadora do lugar original desta. Pode-se dizer, portanto, que a formulação e aplicação desse novo conceito resultaram das necessidades teóricas e práticas várias, em função dos avanços do modo de compreender as relações inter-humanas, dos processos de participação social e do acesso ao e construção do conhecimento (BRITTO, 2003, p.51).

A análise qualitativa dos dados coletados pelo INAF 2001 e de suas edições subsequentes, além de atentar para os problemas essencialmente ligados à formação dos cidadãos brasileiros, ainda nos dá conta de uma distribuição desigual dos bens culturais, nem sempre considerada no estabelecimento de políticas públicas educacionais e culturais. Britto considera, no conjunto de dados coletados, que

Um primeiro elemento a destacar [...] é a baixíssima frequência a bibliotecas: 69% dos entrevistados afirmaram que nunca vão a uma biblioteca para tomar um livro emprestado. [...] A frequência a bibliotecas é maior entre os jovens de quinze a 25 anos e entre os mais escolarizados, o que sugere que essa seja uma prática essencialmente escolar.[...] Esse dado é particularmente significativo porque expõe o caráter anacrônico que a biblioteca tradicional tem no espaço urbano atual e nas formas de divulgação e circulação do impresso na sociedade capitalista moderna (BRITTO, 2003, p. 57)

Nesse contexto, as bibliotecas escolares brasileiras têm funções sociais essenciais na formação de leitores: a disponibilização dos suportes e linguagens da cultura letrada; a mediação da leitura e o desenvolvimento do gosto; o lazer cultural vinculado à leitura; a educação continuada para a cidadania e a empregabilidade.

3 A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO LEITOR

A concepção mais enfática da biblioteca escolar como espaço de formação de leitor, superando as questões meramente utilitárias das atividades de classe, foi devidamente discutida e registrada no Brasil, acompanhando o movimento da escola nova e da conseqüente renovação das práticas pedagógicas. A reforma da Instrução Pública no Brasil, que incorporou os princípios da escola nova, foi promulgada pelo governo federal no final dos anos 1929.

Como repercussão no campo da educação, os estudiosos publicaram uma série de documentos explicitando as modificações nas práticas pedagógicas que deveriam emanar desta nova forma de educação pública. Como primeira referência nacional, baseada nos princípios apregoados por Gray, Maria dos Reis Campos e Alcina Maria de Souza publicam a obra *Leituras escolares*, adotada pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, em 1930 (VIDAL, 2000).

Uma das mais importantes obras derivadas dos estudos de Campos e Souza, foi *Programa de Linguagem*, livro de orientação educacional editado no Rio de Janeiro, em 1934, no qual se lêem as seguintes recomendações:

A biblioteca da escola deve ocupar sala especial, tanto quanto possível ampla, convenientemente iluminada, arrumada e ornamentada com gosto de modo que se constitua em ambiente agradável, onde as crianças se sintam à vontade, se sintam no que é seu. Atendendo ao valor da colaboração e ao gosto que desperta daquilo que a própria pessoa faz, será de toda vantagem que a biblioteca seja arrumada, organizada e ornamentada pelos alunos e com contribuições suas, isto é, com objetos que eles próprios tragam ou, melhor ainda, por eles mesmos feitos. [...] Nas prateleiras mais baixas serão colocados os livros que sirvam aos primeiros anos e nas mais altas os [livros] dos anos mais adiantados. [...] Cadeiras em torno das mesas, não sendo necessário, porém, grande quantidade, uma vez que será permitido às crianças sentarem-se livremente pelo chão. (PROGRAMA *apud* VIDAL, 2000, p. 345)

Na atualidade, apesar do amplo reconhecimento das funções da biblioteca escolar no Brasil, de sua presença escolar garantida por diferentes legislações sobrepostas, ela ainda não se constitui efetivamente como um ambiente de leitura inserido na escolarização. E essa ausência não é necessariamente determinada apenas por problemas econômicos, mas também pela ausência de articulação entre os profissionais de Educação e Biblioteconomia, pois

Nem o bibliotecário escolar, nem o professor de ensino básico conhecem, formalmente, a área um do outro. Um ou outro, em pequena escala, procura aproximar-se e apropriar-se de conhecimentos necessários ao fortalecimento de algo que ambos deveriam ter em comum, os recursos/fontes de informação em relação ao processo ensino-aprendizagem da escola a que pertencem (MACEDO, 2005, p. 45)

Ou seja, não há um consenso sobre o papel da biblioteca escolar no organograma educacional, qual ou quais os profissionais que deverão atuar na biblioteca escolar, qual deve ser sua formação e vínculo com a instituição escolar. Geralmente, essas responsabilidades são entregues de forma precária a funcionários escolares sem formação adequada, ou a responsabilidade por elas é delegada aos educadores, como “atividade complementar”. No caso brasileiro, a orientação e a legislação demonstram que o estado acaba por delegar ao professor o acúmulo das funções biblioteconômicas no contexto escolar, sem previsão de que esta dedicação lhe renda mais do que trabalho e responsabilidades extraordinárias.

A atuação conjunta de bibliotecários, docentes e discentes como agentes mediadores das relações estabelecidas na biblioteca escolar irá possibilitar mudanças significativas na linguagem bibliotecária, pois o espaço físico e os próprios instrumentos documentários proporcionarão acesso, participação e inclusão de todos, como atores de papéis ativos nos processos envolvidos. Nesse sentido, Almeida Júnior estabelece o ato de ler como o processo de mediação essencial da Ciência da Informação, sendo que,

Independentemente de seu caráter, a leitura é, sim, um dos objetivos da biblioteca, [...] Assim, o documento permite a comunicação da informação. Por sua vez, a decodificação desse documento, o decifrar de sua linguagem, é o que possibilitará sua apropriação. Denomino o processo que vai da comunicação, via documento, até a transformação do conhecimento de uma pessoa, de mediação. [...] O objeto da ciência da informação e da biblioteconomia, a informação, a partir do exposto, só pode realizar-se, fazer-se presente, concretizar-se, com base e fazendo uso da leitura. (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 33-34)

A produção infanto-juvenil de uma literatura escolar própria e pesquisável abre a possibilidade para um grande número de aplicações, de concretizações sociais e multiplicação de conhecimentos e informações atualizados e relevantes para a sociedade. Ainda devemos enfatizar que a criança e o adolescente, no seu momento intelectual, têm uma grande capacidade de inserção do lúdico e da inovação na veiculação dessa informação. A utilização de gêneros diferenciados, como as histórias em quadrinhos, na expressão da produção cultural infanto-juvenil, teria a capacidade de tornar os conteúdos mais complexos muito atraentes para a leitura e pesquisa, principalmente entre outras crianças e jovens (BARI, 2008; BARI, VERGUEIRO, 2007).

4 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES BRASILEIRAS

As bibliotecas escolares no Brasil estiveram em geral ligadas a fontes tradicionais de informação. O livro impresso nelas reinou e reina de maneira quase absoluta, excluindo outras

formas de transmissão de informação e conhecimento. Alternativas de informação ligadas a suportes não tradicionais, tanto na forma impressa – revistas, jornais, histórias em quadrinhos – como na audiovisual, eletrônica ou virtual – fitas de vídeo cassete, DVDs, CD-ROMs, internet.

Em virtude dessa distinção ao livro impresso e também de pressuposições quanto sua contribuição à sociedade, as histórias em quadrinhos estiveram tradicionalmente alijadas do universo das (poucas) bibliotecas escolares brasileiras, muitas vezes sequer consideradas como elemento propiciador de conhecimento ou incentivador do hábito de leitura. Como grande parte de seus contemporâneos, os bibliotecários acreditavam que a leitura de quadrinhos gerava “preguiça mental” nos estudantes e afastava os alunos da chamada “boa leitura”. Quando muito, alguns bibliotecários mais avançados as utilizavam como uma espécie de “isca” para os jovens leitores, esperando que sua utilização os levasse a buscar leituras mais nobres. Era uma visão também partilhada por muitos professores, para quem os quadrinhos só se justificavam como caminho para o livro e jamais como leitura própria.

A evolução dos tempos mudou a realidade das histórias em quadrinhos e a forma como passaram a ser vistas pela sociedade. Sob vários aspectos, a virada de século representou para elas o coroamento de uma nova fase no Brasil. Por um lado, passavam a ser entendidas não mais como leitura exclusiva de crianças, mas, sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias. Por outro, paulatinamente deixavam de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa, inclusive nas áreas pedagógica e acadêmica. Em termos educacionais, o início de uma mudança mais contundente veio com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 dezembro de 1996, que já defendia a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio (BRASIL, 1997).

A LDB abriu as portas do ensino para as histórias em quadrinhos, como também para outras linguagens e manifestações artísticas. No entanto, a “oficialização” dos quadrinhos como prática de sala de aula só viria mesmo a ocorrer no ano seguinte ao da promulgação dessa lei, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados na gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, que trouxeram uma releitura das práticas pedagógicas aplicadas na escola, de modo a criar um novo referencial a ser adotado pelos professores nos ensinos fundamental e médio.

Os parâmetros da área de Artes para 5^a a 8^a séries mencionam especificamente a necessidade de o aluno ser competente na leitura de histórias em quadrinhos e outras formas visuais, como publicidade, desenhos animados, fotografias e vídeos (PARÂMETROS, 2006,

p. 67). Os PCN de Língua Portuguesa também mencionam os quadrinhos. No caso do ensino fundamental, isso é feito com referência específica à charge e à leitura crítica que ela demanda (p. 38 e 54), bem como às tiras de quadrinhos, conceituadas no documento como um dos gêneros a serem usados em sala de aula (p. 54).

Os PCN de Língua Portuguesa, direcionados ao ensino fundamental, por sua vez, dividiram os gêneros em “adequados para o trabalho com a linguagem oral” e “adequados para o trabalho com a linguagem escrita”. Entre os últimos, incluíram as charges e as tiras. Há menção ao tema também nos PCN do Ensino Médio. Já no volume dedicado a Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (PARÂMETROS..., 2006), o documento faz três referências às histórias em quadrinhos como manifestação artística a ser trabalhada em sala de aula. Salienta, inclusive, a necessidade de leitura aprofundada dos quadrinhos, de modo a perceber de forma detalhada os recursos visuais neles presentes:

quando o aluno identifica os “truques” que os desenhistas utilizam para criar efeitos de movimento e profundidade espacial nas histórias em quadrinhos e que aqueles e outros efeitos são também utilizados na arte, distinguindo os estilos das diversas tradições, épocas e artistas, o entendimento desses aspectos torna-se mais efetivo e interessante. (PARÂMETROS..., 2006, p. 185)

Os PCN para o Ensino Médio destacam a importância dos diversos gêneros dos quadrinhos como fontes histórica (2006, p. 73) e de pesquisa sociológica (p. 130), assinalando, no segundo caso, que tanto as charges como os cartuns e as tiras constituem “dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-a de forma crítica e com muito humor”.

Diferentes gêneros dos quadrinhos ligados ao humor também estiveram tradicionalmente presentes no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), processo de avaliação feito pelo governo federal. Nesse exame, é cobrado dos alunos o domínio de leitura de outras linguagens, que não sejam apenas as transmitidas pelo código verbal escrito (INEP, 2008).

Mais recentemente, a partir de 2006, houve outro movimento no sentido de inserir os quadrinhos na área de ensino: eles passaram a ser incluídos na lista do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola), que compra obras de diferentes editoras e as distribui a escolas dos ensinos fundamental e médio. Tratou-se de uma inovação no programa, pois desde que foi criado, em 1997, ele se pautava prioritariamente pela distribuição de livros literários (RAMOS, VERGUEIRO, 2009).

Em 2006, foram selecionadas pela primeira vez obras em quadrinhos, embora em número bem abaixo do total de livros comprados naquele ano. Dos 225 títulos selecionados pelo governo, 10 eram em quadrinhos², cerca de 4,5% do total.

Em 2007, houve três seleções para o PNBE, com olhos na distribuição para o ano seguinte. A primeira triagem se centrou em obras para o ensino médio e não incluiu histórias em quadrinhos. Tampouco houve títulos em quadrinhos na lista de 60 obras direcionadas à educação infantil, mas na relação voltada ao ensino fundamental, sete dos 100 livros eram obras em quadrinhos³. Embora o número bruto seja menor, proporcionalmente houve um aumento de títulos quadrinísticos na relação de 2008: representaram 7% do total, contra cerca de 4,5% da listagem passada.

A relação de obras para o ensino fundamental, definidas para distribuição às bibliotecas escolares em 2009, incluiu 14 publicações de quadrinhos⁴; na destinada ao ensino médio, 5⁵. Apesar de se notar uma redução na representatividade da linguagem gráfica seqüencial entre as leituras recomendadas para composição das bibliotecas escolares do país, quando comparado com o ano anterior (de 7% para pouco menos de 5%), constata-se também uma reversão: o ensino médio, não contemplado com títulos de quadrinhos distribuídos em 2008, foi contemplado com 5 títulos.

5 CONCLUSÃO: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR BRASILEIRA: UMA QUESTÃO A SER EQUACIONADA

A inclusão de obras de quadrinhos nas listas do PNBE parece ser uma tendência razoavelmente consolidada e apenas refletem um movimento de valorização do meio que

²As obras selecionadas foram: *Asterix e Cleópatra*, de René Goscinny e Albert Uderzo; *A Metamorfose*, adaptado por Peter Kuper; *Na Prisão*, de Kazuichi Hanawa; *Níquel Náusea*: nem tudo que balança cai, de Fernando Gonsales; *O nome do jogo*, de Will Eisner; *Pau pra toda obra*, de Gilmar; *Dom Quixote em quadrinhos*, de Caco Galhardo; *Santô e os pais da aviação*: a jornada de Santos-Dumont e de outros homens que queriam voar, de Spacca; *Toda Mafalda*: da primeira à última tira, de Quino; e *A Turma do Pererê*: as gentilezas, de Ziraldo.

³As obras selecionadas foram: *A Turma do Xaxado*: volume 2, de Antonio Cedraz; *Courtney Crumrin & As criaturas da noite*, de Ted Naifeh; *Mitos gregos*: o vôo de Ícaro e outras lendas e *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, de Marcia Williams; *Os Lusíadas em Quadrinhos*, de Fido Nesti; *25 anos do Menino Maluquinho*, de Ziraldo; e *Pequeno Vampiro vai à escola*, de Joann Sfar.

⁴Para o ensino fundamental, os títulos escolhidos foram: *A história do mundo em quadrinhos*: a Europa Medieval e os invasores do Oriente, de Larry Gonick; *Oliver Twist*, de Charles Dickens, com adaptação para os quadrinhos de John Malam; *Luluzinha vai às compras*, de Marge; *Níquel Náusea*: tédio no chiqueiro, de Fernando Gonsales; *Suriá*: a garota do circo e *Deus segundo Laerte*, de Laerte; *A Turma do Pererê*: as manias do Tininin e *Maluquinho por Arte*: histórias em que a turma pinta e borda, de Ziraldo; *O beijo no asfalto*: graphic novel, de Arnaldo Branco e Gabriel Góes; *Asterix e a volta às aulas* e *Asterix nos jogos olímpicos*, de René Goscinny e Albert Uderzo; *D. João Carioca*, de Lilian Moritz Schwarcz e Spacca; *A volta da Graúna*, de Henfil; e *10 Pãezinhos*: meu coração, não sei porquê, de Fabio Moon e Gabriel Bá.

⁵Os títulos escolhidos para o ensino médio foram: *O Alienista de Machado de Assis*, de Fabio Moon e Gabriel Bá; *Domínio Público*: literatura em quadrinhos, de vários autores; *A força da Vida*, *O sonhador* e *Um contrato com Deus*, de Will Eisner.

tampouco parece longe de seu fim. Em curto prazo, nada leva a crer em reversões dessas tendências.

Tal como aos professores, novas questões se colocam também para os bibliotecários: como agir em relação aos quadrinhos que foram - e provavelmente continuarão a ser - recebidos pelas bibliotecas escolares? Processá-los e colocá-los na estante, esperando que alunos e professores por eles venham a se interessar, parecem ser providências pouco criativas, para não dizer tímidas. Uma atitude pró-ativa é esperada por parte dos profissionais da informação, esperando que possam enxergar nas obras em quadrinhos mais um aliado na meritória missão de auxiliar seus usuários a atingir *o pleno usufruto da produção material e cultural da sociedade*.

O novo ambiente demanda que os bibliotecários, principalmente os bibliotecários escolares, se municiem intelectualmente para a atuação com histórias em quadrinhos, preenchendo, com esforço e iniciativa individuais, as lacunas deixadas por sua formação profissional. Nesse sentido, é necessário que os profissionais atuantes em bibliotecas escolares se capacitem em termos de alfabetização na linguagem quadrinhística (VERGUEIRO, 2004, *passim*) e busquem se familiarizar com as diversas alternativas que o mercado de quadrinhos lhes possibilita para desempenho de sua missão profissional (VERGUEIRO, 1998, *passim*). A mesma recomendação é feita para os bibliotecários que atuam nas bibliotecas públicas que, no momento, acumulam as funções dos deficitários ambientes de leitura escolar da atualidade brasileira. Nesse sentido, o céu é o limite.

As referências culturais do fenômeno social da leitura e do letramento levaram a verificação da efetividade das histórias em quadrinhos na formação de leitores, tanto no contexto da Biblioteconomia quanto no contexto da Educação, entre outras não menos importantes constatações. Ao longo dos anos dedicados à pesquisa que gerou a tese em que se baseou esta comunicação científica (BARI, 2008), foi possível constatar que o contexto da leitura no Brasil está num quadro evolutivo positivo.

Muitas iniciativas locais e nacionais, tanto da esfera pública como da privada, denotam que o brasileiro conseguiu vislumbrar o distante ideal de fazer deste um país de leitores. O fortalecimento dos aportes teóricos que relacionam a leitura de lazer com o desenvolvimento da cultura social, da inteligência individual e da identidade comunitária e grupal, progressivamente redimem as histórias em quadrinhos e abrem caminhos para que mais pessoas possam desfrutar momentos especiais por meio de sua leitura, fruição e compartilhamento, especialmente os estudantes e leitores novatos brasileiros.

No entanto, além da inserção das histórias em quadrinhos e outras mídias e linguagens no cotidiano da leitura, seja ela de lazer ou escolar, é necessário um trabalho afetivo e psicológico relativo à auto-imagem de professores e bibliotecários, para gerar uma relação de segurança e simpatia, fazendo com que ocorra o acolhimento à diversidade cultural desses novos elementos em suas práticas profissionais.

Baseadas em todas as pesquisas, leituras e observações ocorridas durante o cumprimento do programa de doutorado em Ciência da Informação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, foram elaboradas sínteses conceituais e constatações do fenômeno da formação do leitor no Brasil, com ênfase na leitura escolar e formação do leitor novato. Resumidamente, temos à expressão das seguintes considerações, que sintetizam adequadamente todo o trabalho desenvolvido:

- O vínculo com a leitura, seja ela de cunho profissional ou de entretenimento, é precedido pela familiarização, repetição, formação e hábitos e obtenção de prazer, **processos que são potencializados, em todo ou em partes, pela disponibilidade e leitura de histórias em quadrinhos;**
- A formação do leitor só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gostar de ler. Ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. As histórias em quadrinhos, além da facilidade da veiculação de conteúdos complexos aos leitores novatos, amadurecem também a relação emocional entre o leitor e a sua leitura;
- A leitura de histórias em quadrinhos forma leitores que gostam de toda natureza de leituras, não somente de histórias em quadrinhos, com a vantagem de formar uma cultura leitora infantil e comunidades leitoras de grande abrangência e perenidade por toda a vida;
- A simpatia das histórias em quadrinhos pode ser transmitida aos ambientes de intencionalidade educativa onde sua linguagem e mídia sejam inseridas, principalmente no caso das bibliotecas escolares e ambientes congêneres, freqüentados por crianças em escolarização;
- Os esforços de autoridades, bibliotecários e educadores em difundir o gosto pela leitura são potencializados pela formação de acervos de histórias em quadrinhos, nos espaços sociais freqüentados pelos leitores novatos, cuja principal ênfase se dá na biblioteca escolar.

SCHOOL LIBRARY, READING and comics: a relationship that consolidates

ABSTRACT

Discusses the importance of comics in the acquisitions of reading preferences, as well as in the literacy of the messages communicated both by the written and visual codes, or rather, of the elements that concur to literacy, creating possibilities for including graphic sequential art products into the domain of library sciences and of the pedagogical practices. For establishing essential analogies, the methodology focused on the comparative study of the Brazilian and European cultural context. Among other things, the results confirmed that comics can really be relevant to the reader's education, making possible the familiarity, repetition, habit creation and the obtention of pleasure in the act of reading.

Keywords: School libraries. Reading. Literacy. Comics.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Júnior, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. *In*: SANTOS, Jussara Pereira. **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

BARI, Valéria Aparecida ; VERGUEIRO, Waldomiro. As histórias em quadrinhos para a formação de leitores ecléticos: algumas reflexões com base em depoimentos universitários. **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: Paulinas, v. XII, n.1, p.15-24, jan-abr 2007.

BARI, Valéria Aparecida. Dimensão social das bibliotecas públicas no Brasil, trabalhando para o pleno exercício da cidadania. **Revista Brasileira de Biblioteconomia**. Nova série. São Paulo: FEBAB, n. 1, v. 2, p. 86-95, 2000.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2008. (Tese de Doutorado).

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996)**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 1997.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 2003. p. 47-63.

FERNANDEZ, Sonia Inez Gonçalves. Caminhos e descaminhos da leitura, escrita e formação do leitor: história e reflexão. **Revista Educação e Linguagem**. São Paulo: UMESP, n. 6, v.7, p.149-162, jan-jun 2003.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2007.

INEP. **O que são competências e habilidades?** Disponível em:
http://www.enem.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=28
. Acessado em 24 abr. 2009.

MACEDO, Neusa Dias de (org.) **Biblioteca escolar brasileira em debate:** da memória profissional a um forum virtual. São Paulo: SENAC, 2005.

ORTEGA y GASSET, José. **Missão do Bibliotecário.** Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2006.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Disponível em:
<[HTTP://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)>. Publicado em 2006. Acesso em: 24 abr. 2009.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais. **5ª a 8ª Séries.** Arte. Disponível em:
<http://ftp.fn.de.gov.br/web/pcn/05_08_artes.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2008.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais. **Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental.** Língua Portuguesa. Disponível em:
<<http://www.fn.de.gov.br/home/index.jsp?arquivo=pcn.html>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. Sim, você pode usar quadrinhos na escola. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17º, Campinas, 2009. Campinas, 2009. p. 500. Disponível em: <http://www.cole.educacao.ws/resumos_det.php?resumo=16>. Acesso em 27 jul. 2009.

SERRA, Elizabeth D' Angelo. Políticas de promoção da leitura. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Editora Global, 2003. Pág.: 65-85.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 7-29.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (orgs.) **Formas e expressões do conhecimento:** introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 115-149.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (org.) **Leitura, história e história da leitura.** Campinas: Mercado de Letras / São Paulo: FAPESP, 2000, pág.: 335-355.